

INSTRUÇÕES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE

VESTIBULAR 2017

1

Você está recebendo do fiscal um Caderno de Questões com 3 (três) temas de redações e 30 (trinta) questões que compõem a prova objetiva.

Você receberá, também, a Folha de Respostas personalizada para transcrever as respostas da Prova Objetiva e versão definitiva da Redação.

ATENÇÃO

1. Confira seu nome, número de inscrição e assine no local indicado na capa.
2. Aguarde autorização para abrir o Caderno de Provas.
3. A interpretação das questões é parte do processo de avaliação, não sendo permitidas perguntas aos Fiscais.
4. Este Caderno de Provas contém questões objetivas, conforme o quadro abaixo, com 5 (cinco) alternativas cada uma, indicadas com as letras A, B, C, D e E, além da Prova de Redação, que serão respondidas **por todos os candidatos ao Concurso Vestibular.**

Prova de Língua e Literatura

1ª parte: Prova de Redação

2ª parte: Língua Portuguesa – 1 a 15 questões

Literatura – 1 a 5 questões

Língua Estrangeira Moderna – 1 a 10 questões de Inglês e 1 a 10 questões de Espanhol.

5. **Responda somente às questões de Língua Estrangeira escolhida no ato da inscrição.**
6. Ao receber a Folha de Respostas, examine-a e verifique se os dados nela impressos correspondem aos seus. Caso haja alguma irregularidade, comunique-a imediatamente ao Fiscal.
7. Transcreva para a Folha de Respostas o resultado que julgar correto em cada questão, preenchendo o círculo correspondente com caneta esferográfica de tinta preta ou azul-escuro e assine no local apropriado.
8. Na Folha de Respostas, a marcação de mais de uma alternativa em uma mesma questão, bem como rasuras e preenchimento além dos limites do círculo destinado para cada marcação, anula a questão. É de sua inteira responsabilidade a transcrição de suas respostas.
9. Não haverá substituição, em hipótese alguma, da Folha de Respostas.
10. Não serão permitidas consultas, empréstimos e comunicação entre os candidatos, tampouco o uso de livros, apontamentos e equipamentos, eletrônicos ou não, inclusive relógios. O não cumprimento dessas exigências implicará a exclusão do candidato deste Processo Seletivo.
11. Ao concluir a Prova, permaneça em seu lugar e comunique ao Fiscal. **Aguarde autorização para devolver, em separado, a Folha definitiva de Redação, o Caderno de Provas e a Folha de Respostas, devidamente assinados.**
12. Esta prova terá, no máximo, **4 horas de duração**, incluindo o tempo destinado à transcrição de suas respostas e elaboração da Redação.

Questões de 1 a 5

Para responder a essas questões, identifique APENAS UMA ÚNICA alternativa correta e marque a letra correspondente na Folha de Respostas.

Questões 1 e 2

I.

Sabedoria

Tudo o tempo leva.
A própria vida não dura.
Com sabedoria,
colhe a alegria de agora
para a saudade futura.

KOLODY, Helena. Sabedoria. In: **Viagem no espelho**. Disponível em: <http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?obra_id=13932>. Acesso em: 25 jul. 2016.

II.

Do mal da velhice

Chega a velhice um dia... E a gente ainda pensa
Que vive... E adora ainda mais a vida!
Como o enfermo que em vez de dar combate à doença
Busca torná-la ainda mais comprida...

QUINTANA, Mário. Do mal da velhice. In: **Espelho mágico**. Disponível em: <<http://mario-quintana-rh.blogspot.com.br/2013/11/lxxxiii-do-mal-da-velhice.html>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

Questão 1

Sobre o texto I, é correto afirmar que a mensagem poética é construída

- A) com base na concepção negativista da vida.
- B) em torno da ideia expressa por *Carpe Diem*.
- C) por uma gradação na constatação de evidências.
- D) por meio de um jogo de contraste e semelhanças.
- E) pela consciência do imediatismo que move o homem atual.

Questão 2

Comparando-se os dois textos, está correto o que se afirma em

- I. Ambos refletem sobre o transcurso do tempo.
- II. Os dois revelam a preocupação do sujeito poético com a morte.
- III. O I enfoca a brevidade da vida, e o II, o apego à existência terrena.
- IV. A voz poética, em I, mostra a velhice como uma fase passadista e, em II, como apazível.
- V. O II, ao contrário do I, defende um comportamento pragmático mediante as adversidades.

A alternativa em que **todas** as afirmativas indicadas estão corretas é a

- A) I e IV.
- B) II e V.
- C) IV e V.
- D) I, II e III.
- E) III, IV e V.

Questão 3

I.

Nasceu aquela flor em Covelinhas, dum castanheiro velho, o Lourenço Abel, e duma urze mirrada, a Joana Benta. Nasceu e cresceu tão linda, tão airosa, que o povo em peso punha os olhos nela. Só tinha um defeito...

— Verduras da mocidade! — pretextava a Cláudia, quando

o homem, ao lume, censurava os namoros da rapariga.

— Ultrapassa as marcas! Dá trela a quantos há na freguesia... [...]

A Lídia é que não queria saber de desgraças. Muito bem feita, muito corada, com aqueles dois olhos de veludo que ameigavam tojos, depois de cada sarrafusca a que dava azo, passava pela rua acima em direcção às hortas como se nada fosse. E o povo inteiro rendia-se-lhe aos pés, num sorriso de perdão, de complacência e de carinho.

— Tu a quantos atendes? — perguntava-lhe em confiança a Mariana, já com cinquenta e dois e ainda de olhinho a reluzir.

— A nenhum. Ninguém me quer, tia Mariana! E dava uma gargalhada das dela, muito clara, muito pura, pondo à mostra uns dentes que cegavam a gente.

— Raios te partam, rapariga! Trazes um regimento à corda, e a dizer que ninguém te quer! [...]

Mas com palavras tinha ela posto a cabeça do Verdeal e do Lúcio a andar à roda. A mangar, a mangar, jurava a cada um que não queria mais ninguém e que os outros lhe rondavam a casa por palermice. [...]

Oh! E aconteceu o que tinha de acontecer. Nessa mesma noite, depois da ceia, o Verdeal, ao voltar à esquina da eira, viu um vulto à porta do quinteiro da moça. Disfarçou-se na sombra e chegou-se perto. Era o Lúcio a falar com ela. Avançou até junto deles. No calor da conversa, nem o viram.

Alheia, numa volúpia de irresponsabilidade, a Lídia assistia àquela disputa de que era a causa, divertida como uma criança. Quase que nem ouviu o simultâneo deflagrar das armas.

— Canalha! Seguiram-se mais dois estalidos secos.

— Cabrão! Os insultos como que eram apenas um comentário desdenhoso à margem dos tiros rápidos e sucessivos.

— Excomungada! A inesperada maldição entrou na alma da Lídia como um punhal de quem vinha? Da boca do Lúcio, ou da boca do Verdeal?

Mas não pôde sabê-lo. Ambos jaziam quase a seus pés, cada um no último arranco. E quando a mãe, espavorida, em saíote, abriu a porta, veio encontrá-la ainda alheada junto dos dois mortos, a tentar compreender a violência daquela queixa.

TORGA, Miguel. Amor. In: **Contos da Montanha**. Disponível em: <<https://cld.pt/dl/download/372f3a9a-5a3d-4770-a31b-b677ef652e44/Miguel%20Torga%20-%20Contos%20da%20montanha.pdf?public=372f3a9a-5a3d-4770-a31b-b677ef652e44>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

II.

Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

[...] Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranjou um

emprego público. No princípio de novembro de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranjou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

— É o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo, falava sempre do senhor.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor. [...]

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: “Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora.” Era mais de meio-dia.

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. [...]

Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

— Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

ASSIS, Machado de. *A Cartomante*. In: **Várias histórias**. Disponível em: <<http://philpapers.org/archive/AMEKDO.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

Embora de autores e épocas diferentes, os dois textos apresentam em comum

- A) o universo psicológico das personagens confundindo-se com o social, apesar de seus sabores serem encarados de modo diferenciado, mesmo que suas ações revelem a face do amor sempre acompanhada de sofrimento.
- B) o narrador adquirindo uma existência textual, quase na condição de quem conta os fatos assumindo a maneira de pensar dos protagonistas, para melhor conduzir a mediação dos conflitos existentes entre eles.
- C) a sugestão de uma postura introspectiva como o verdadeiro caminho a ser palmilhado pelo homem a fim de atingir a compreensão de si mesmo e conduzir sua trajetória existencial sem cometer deslizes.
- D) a fatalidade como consequência da conduta irreverente da figura feminina que, em circunstâncias distintas e por razões diferentes, se deixa guiar pela leviandade, desestruturando pessoas.
- E) o caráter objetivo da narrativa, voltado para a análise das relações amorosas, a fim de demonstrar que a transgressão de convenções sociais nem sempre acaba sendo prejudicial ao ser humano.

Zé do Burro, de faca em punho, recua em direção à igreja. Sob o ou dois degraus, de costas. O Padre vem por trás e dá uma pancada em seu braço, fazendo com que a faca vá cair no meio da praça. Zé do Burro corre e abaixa-se para apanhá-la. Os policiais aproveitam e caem sobre ele, para subjugá-lo. E os capoeiras caem sobre os policiais para defendê-lo. Zé do Burro desapareceu na onda humana. Ouve-se um tiro. A multidão se dispersa como num estouro de boiada. Fica apenas Zé do Burro no meio da praça, com as mãos sobre o ventre. Ele dá ainda um passo em direção à igreja e cai morto.

ROSA

(Num grito)

Zé!

(Corre para ele)

PADRE

(Num começo de reconhecimento de culpa)

Virgem Santíssima!

DELEGADO

(Para o Secreta)

Vamos buscar reforço.

(Sai, seguido do Secreta e do Guarda).

O Padre desce os degraus da igreja, em direção do corpo de Zé do Burro.

ROSA

(Com rancor)

Não chegue perto!

PADRE

Queria encomendar a alma dele...

ROSA

Encomendar a quem? Ao Demônio?

O Padre baixa a cabeça e volta ao alto da escada. Bonitão surge na ladeira. Mestre Coca consulta os companheiros com o olhar. Todos compreendem a sua intenção e respondem afirmativamente com a cabeça. Mestre Coca inclina-se diante de Zé do Burro, segura-o pelos braços, os outros capoeiras se aproximam também e ajudam a carregar o corpo. Colocam-no sobre a cruz, de costas, com os braços estendidos, como um crucificado. Carregam-no assim, como numa padiola e avançam para a igreja. Bonitão segura Rosa por um braço, tentando levá-la dali. Mas Rosa o repele com um safanão e segue os capoeiras. Bonitão dá de ombros e sobe a ladeira. Intimidados, o Padre e o Sacristão recuam, a Beata foge e os capoeiras entram na igreja com a cruz, sobre ela o corpo de Zé do Burro. O Galego, Dedé e Rosa fecham o cortejo. Só Minha Tia permanece em cena. Quando uma trovoadá tremenda desaba sobre a praça.

MINHA TIA

(Encolhe-se toda, amedrontada, toca com as pontas dos dedos o chão e a testa)

Êparrei minha mãe!

E O PANO CAI LENTAMENTE.

DIAS GOMES, Alfredo de Freitas. **O pagador de promessas**. Disponível em: <<http://www.martiporto.com/litpagador.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

Zé do Burro, protagonista de O pagador de promessas, havia feito uma promessa a Santa Bárbara, que lhe concedera a graça de salvar seu burro muito querido da morte. Assim, começa sua “via crucis” no primeiro ato da peça, que culmina, no terceiro e último, com um desfecho trágico.

O fragmento, inserido na obra, permite considerar correto afirmar que essa peça teatral evidencia que a

- I. intolerância de um padre ao impedir Zé do Burro de entrar com sua cruz na igreja, a fim de cumprir sua promessa, não foi a verdadeira causa de todos os conflitos postos em tela.
- II. explosão de raiva da personagem central é inaceitável diante da demonstração de fé que a movera até aquele local, longe de sua moradia, carregando um enorme e pesado madeiro sobre os ombros.
- III. obstinação de um homem simples em cumprir o que havia prometido resultou não só no enfrentamento da burocracia que é imposta pela organização interior do sistema religioso católico, mas também no de outros impasses.
- IV. lei, representada pela polícia, revela a incompetência das autoridades em resolver situações comuns, deixando claro, ainda, o perigo de se defender as próprias ideias num mundo onde o respeito aos semelhantes parece inexistir.
- V. personagem que protagoniza a cena, para quem cumprir a promessa feita era uma questão de vida ou de morte, após o seu fim trágico, teve sua missão levada a cabo, embora de modo imprevisto, pelos que deram valor à sua crença.

A alternativa em que **todas** as afirmativas indicadas estão corretas é a

- | | |
|---------------|-----------------|
| A) I e V. | D) I, III e IV. |
| B) II e III. | E) III, IV e V. |
| C) I, II e V. | |

Questão 5

O segredo que a Maria Regalada dissera ao ouvido do major no dia em que fora, acompanhada por D. Maria e a comadre, pedir pelo Leonardo, foi a promessa de que, se fosse servida, cumpriria o gosto do major.

Está, pois, explicada a benevolência deste para com o Leonardo, que fora ao ponto de, não só disfarçar e obter perdão de todas as suas faltas, como de alcançar-lhe aquele rápido acesso de posto.

Fica também explicada a presença do major em casa da Maria Regalada.

Depois disto entraram todos em conferência. O major desta vez achou o pedido muito justo em consequência do fim que se tinha em vista. Com a sua influência tudo alcançou; e em uma semana entregou ao Leonardo dois papéis: um era a sua baixa de tropa de linha; outro, sua nomeação de Sargento de Milícias.

Além disso, recebeu o Leonardo, ao mesmo tempo, carta de seu pai, na qual o chamava para fazer-lhe entrega do que lhe deixara seu padrinho, que se achava religiosamente intacto.

Passado o tempo indispensável do luto, o Leonardo, em uniforme de Sargento de Milícias, recebeu-se na Sé com Luisinha, assistindo à cerimônia a família em peso.

Daqui em diante aparece o reverso da medalha. Seguiu-se a morte de D. Maria, a do Leonardo Pataca, e uma enfiada de acontecimentos tristes que pouparemos aos leitores, fazendo aqui ponto final.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um Sargento de Milícias**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1979. p. 134-135. (Série Bom Livro)

Considerando-se esse trecho final de “Memórias de um Sargento de Milícias”, inserido no todo da obra, a única afirmativa **incorreta** é a que se faz na alternativa

- A) Leonardo Pataca, pai do protagonista da narrativa, recebeu essa alcunha por suas queixas quanto ao salário que recebia como meirinho (oficial de justiça) e, apesar de ser um conquistador, na verdade, não se dava bem com as mulheres, já que fora abandonado por algumas delas.
- B) O personagem central da narração em análise fora chutado por seu genitor ainda pequeno e, depois de abandonado por aqueles que deviam protegê-lo, encontrou no padrinho o amparo de que necessitava, além dos cuidados e da afeição, o que recebeu também da madrinha, embora fosse um inconsequente.
- C) O “filho de uma pisadela e de um beliscão” depois que seu primeiro amor se casou com José Manoel, que estava apenas interessado na herança que ela receberia, passou a paquerar Vidinha, com quem manteve um romance, mas foi traído, já que a moça preferiu um dos dois primos que por ela nutria grande paixão.
- D) O “gosto do major” a que se refere Maria Regalada, assim chamada por seu largo sorriso, era viver com ela, o que de fato acontece, por ele ter livrado Leonardo, o então granadeiro, da prisão onde apanhava por tê-lo traído, e, segundo o narrado, ainda o ajuda a casar com Luisinha, sobrinha de Dona Maria, conseguindo sua promoção a Sargento de Milícias.
- E) Leonardo, o filho, acaba se dando bem, pois, não obstante tudo o que fez, recebeu, além de outras, a herança que lhe fora deixada pelo padrinho, a qual não pôde administrar por ser menor de idade na época, motivo de ter ido parar nas mãos paternas, sendo-lhe entregue incólume, o que prova a probidade daquele que só não soube, de fato, ser pai.

* * *